II ENCONTRO MUNDIAL DOS MOVIMENTOS POPULARES COM O PAPA FRANCISCO

- DOCUMENTOS -

Santa Cruz de la Sierra, Bolívia
07 a 09 de julho de 2015

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 1 21/08/2015 18:34:04

Expediente

A cartilha ***" II Encontro Mundial dos Movimentos Populares com o Papa Francisco - Documentos"*** é uma publicação da Delegação dos Movimentos Populares brasileiros.

Secretaria Operativa
Alameda Barão de Limeira, 1232
01202-002 - São Paulo - SP - Brasil

Telefone (11) 3522-5581

Correio eletrônico: articulacaomovimentospopulares@gmail.com

Fotos: Rafael Stédile

Julho de 2015

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 2 21/08/2015 18:34:05

Sumário

Introdução: _7

I. Carta de Santa Cruz _11

II. Discurso do Papa aos Movimentos Populares _19

III. Palestra do Cardeal Peter Turkson, no Encontro Mundial de Movimentos Populares _ 37

IV. Um balanço do Encontro com D. Guilherme Werlang, das Pastorais Socias da CNBB _41

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 3 21/08/2015 18:34:05

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 4 21/08/2015 18:34:09

II ENCONTRO MUNDIAL DOS MOVIMENTOS POPULARES COM O PAPA FRANCISCO

- DOCUMENTOS -

Santa Cruz de la Sierra, Bolivia

07 a 09 de julho de 2015

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 5 21/08/2015 18:34:09

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 6 21/08/2015 18:34:12

Introdução

UM POUCO DE HISTÓRIA!

João Pedro Stedile[1]

O Papa Francisco e os movimentos populares
A importância de uma aproximação histórica

Com suas posturas e pronunciamentos referidos às injustiças na humanidade e seu posicionamento a favor dos mais pobres, dos trabalhadores e, em geral, dos excluídos, o Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, surpreendeu positivamente a todos militantes de movimentos populares de todo o mundo pelo contraste com seus antecessores.

Começando pelo fato de ter elegido o nome de Francisco, com toda a carga simbólica que tem São Francisco de Assis, seja para o comportamento das pessoas ou inclusive no interior da Igreja, representa em si mesmo um fato histórico e revolucionário. Nenhum outro pontífice havia tido a coragem de honrar a Francisco de Assis.

Em todos os assuntos sobre os que se pronunciou – a guerra na Síria, a fome, a migração de africanos para a Europa, a questão do desemprego, as pessoas sem moradia, etc. —, o fez sempre com uma posição clara e firme; sem temor , sempre denunciando as injustiças, abandonando a postura diplomáti-

1 . João Pedro Stedile é membro da Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Via Campesina Brasil.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 7 21/08/2015 18:34:13

ca anterior, que justificava a postura do Vaticano de estar sempre ao lado dos poderosos e dos organismos internacionais.

Por outro lado, desde um primeiro momento também vem impulsionando mudanças na democracia interna dos organismos do Vaticano, que se converteram em verdadeiras monarquias centralizadas, ao mesmo tempo em que estabeleceu com valentia sanções contra aqueles membros da Igreja comprometidos em atos criminais que antes se escondiam debaixo do tapete.

O diálogo com os movimentos populares

Com estes ventos de mudança, desde o segundo semestre de 2013 começamos a receber sinais do Papa Francisco de que queria construir pontes com os movimentos populares de todo o mundo. Como tinha laços históricos com movimentos de trabalhadores precarizados da Argentina, através deles, iniciamos os primeiros diálogos a respeito de como organizar uma reunião mundial de movimentos populares.

No final de 2013, realizamos no Vaticano, com a participação da Pontifícia Academia de Ciências e da Comissão de Justiça e Paz, diversas conversações a pedido do Papa, e entre elas uma seminário sobre a desigualdade social e suas causas. Era a primeira vez na historia da igreja que movimentos populares eram ouvidos na Academia de ciências do Vaticano.

Depois, propusemos e entregamos um documento elaborado por nove cientistas de todo o mundo, vinculados à Via Campesina internacional, que tratava de explicar ao Papa as razões de por que as sementes transgênicas e os agrotóxicos são um perigo para a humanidade e para a natureza.

Nesta sequência de diálogo permanente, realizamos

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 8 21/08/2015 18:34:13

tambem no Vaticano, um Encontro Mundial de Movimentos Populares com o Papa Francisco em outubro de 2014. Na preparação do encontro, por consenso se estabeleceu que a representação devia ser de movimentos populares que se organizam e lutam para resolver três direitos fundamentais das pessoas: terra para trabalhar, teto para viver e trabalho digno. Também ficou explícito em nossas articulações que deveríamos evitar tanto representações viciadas de organismos internacionais, como representações da Igreja, pois possuem outros espaços para articular-se a nível internacional.

De modo que nos encontramos com mais de 180 representantes de movimentos de trabalhadores de todo o mundo, com uma ampla pluralidade de credos religiosos, etnias, gênero, juventude, orientação sexual e representação geográfica, de todos os continentes. Não houve do Papa Francisco ou do Vaticano nenhum condicionamento.

O encontro foi histórico. Pela primeira vez na história do Vaticano, o Papa se encontrou com representantes de movimentos populares. Nos reunimos no salão do Sínodo Velho, utilizado por séculos somente por cardeais. Ele mesmo revelou que nunca havia estado naquele lugar. E ali analisamos os problemas que enfrentam os trabalhadores/as, suas causas e as propostas para encontrar saídas.

E em sua exposição, o Papa Francisco defendeu um programa síntese de toda nossa luta, na qual devemos perseverar, para que não haja mais na humanidade: nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem trabalho e direitos sociais e nenhuma família sem moradia digna!

Na sequencia do debate, incluiu-se mais um tema candente para a humanidade. Todo povo tem direito e soberania ao seu território, em paz e sem guerras. Refletindo

sobre as situações de invasões, humilhações a povos originários, quilombolas, e povos inteiros, como acontece em Porto Rico, Malvinas, Curdistão, Palestina, etc

E finalmente, voltamos a nos encontrar de 7 a 9 de julho em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia. O Presidente Evo Morales, havia estado conosco no encontro do Vaticano, não como Presidente mas como militante histórico dos movimentos populares da Bolívia. E na ocasião fez o convite ao Papa Francisco para visitar o povo boliviano. Quando se confirmou a visita do Papa a América do Sul, imediatamente começamos trabalhar a possibilidade de realizar um novo, agora de forma massiva, com representantes de toda América.

E assim, foi, realizamos um II Encontro Mundial de Movimentos Populares em dialogo com Francisco, reunindo mais de 1500 representantes de 40 países. Durante três dias, debates os quatro temas fundamentais: terra, trabalho, Teto e soberania sobre os territórios.

E ao final entregamos a síntese de nossos debates, e ouvimos a sua opinião sobre os problemas atuais da humanidade, suas causas e saídas.

Nessa cartilha, queremos compartilhar com toda militância social do Brasil, esse trecho da caminhada. Esperamos que todos possam ler, estudar e debater com seus colegas.

Um forte abraço em nome dos mais de 200 delegados de movimentos populares brasileiros que lá estivemos compartilhando com os demais militantes do continente e de outros países.

Saímos de lá, mais fortalecidos para seguir nossa luta, na construção de uma sociedade mais justa, igualitária, e fraterna.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 10 21/08/2015 18:34:13

I - Carta de Santa Cruz

Após três dias de discussões, o Encontro Mundial dos Movimentos Populares elaborou seu documento final. Participaram do evento cerca de 1500 pessoas de organizações de 40 países. Os eixos dos debates, que ocorreram entre os dias 7 e 9 de julhos, se deram em torno dos "3Ts": Terra, Teto e Trabalho, mote que tem sido utilizado pelo papa Francisco como síntese dos direitos básicos pelos quais os movimentos sociais devem lutar.

Francisco participou do encontro na quinta-feira (9). Ao falar aos participantes, pediu perserverança em seu compromisso com a luta por mudanças estruturais e afirmou serem urgentes transformações profundas. Foi a segunda vez que o papa se encontrou com movimentos populares, a primeira tendo sido no Vaticano.

As resoluções finais do Encontro, batizadas de Carta de Santa Cruz, defendemm, na mesma linha de Francisco, a superação de um "modelo social, político, econômico e cultural onde mercado e o dinheiro se converteram nos reguladores das relações humanas em todos os níveis". Além disso, a Carta também aborda a preocupação com a degradação ambiental.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 11 21/08/2015 18:34:13

As organizações sociais reunidas no Segundo Encontro Mundial de Movimentos Populares, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, durante os dias 7, 8 e 9 de julho de 2015, concordamos com o papa Francisco em que as problemáticas social e ambiental emergem como duas faces da mesma moeda. Um sistema incapaz de garantir terra, teto e trabalho para todos, que mina a paz entre as pessoas e ameaça a própria subsistência da Mãe Terra, não pode seguir regendo o destino do planeta.

Devemos superar um modelo social, político, econômico e cultural onde mercado e o dinheiro se converteram nos reguladores das relações humanas em todos os níveis.

Nosso grito, o grito dos mais excluídos e marginalizados, obriga que os poderosos compreendam que não se pode seguir dessa forma. Os pobres do mundo se levantaram contra a exclusão social que sofrem cotidianamente. Não queremos explorar, nem sermos explorados. Não queremos excluir, nem sermos excluídos. Queremos construir um modo de vida no qual a dignidade se alce por cima de todas as coisas.

Por isso, nos comprometemos a:

1. Impulsionar e aprofundar o processo de mudança

Reafirmamos nosso compromisso com os processos de transformação e libertação como resultado da ação dos povos organizados, que a partir de suas memória coletiva tomam a história em suas mãos e decidem transformá-la, para dar vida às esperanças e às utopias que nos convocam a revolucionas as estruturas mais profundas de opressão, dominação, colonização e exploração.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 12 21/08/2015 18:34:13

2. Viver bem, em harmonia com a Mãe Terra

Seguiremos lutando para defender e proteger a Mãe Terra, promovendo a "ecologia integral" de que fala o Papa Francisco. Somos fiéis a filosofia ancestral do "bem viver", nova ordem de vida que propõe harmonia e equilíbrio nas relações entre os seres humanos e entre estes e a natureza.

A terra não nos pertence, nós pertencemos à terra. Devemos dela cuidar e trabalhá-la em benefício de todos. Queremos leis ambientais em todos os países em função do cuidado dos bens comuns.

Exigimos a reparação histórica e um marco jurídico que resguarde os direitos dos povos indígenas em nível nacional e internacional, promovendo um diálogo sincero a fim de superar os diversos e múltiplos conflitos que atravessam os povos indígenas, originários, camponeses e afrodescendentes.

3. Defender o trabalho digno

Nos comprometemos a lutar na defesa do trabalho como direito humano. Pela criação de fontes de trabalho digno, pelo desenho e implementação de políticas que restituam todos os direitos trabalhistas eliminados pelo capitalismo neoliberal, tais como os sistemas de seguridade social, a aposentadoria e o direito de sindicalização.

Rechaçamos a precarização, a terceirização e buscamos que se supere a informalidade através da inclusão, nunca com perseguição ou repressão.

Também levantamos a causa dos migrantes, deslocados e refugiados. Instamos aos governos dos países ricos a que derroguem todas normas que promovem tratamento discriminatório contra eles e que estabeleçam formas de regulação que elimi-

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 13 21/08/2015 18:34:13

nem o trabalho escravo, o tráfico de pessoas e a exploração infantil.

Impulsionaremos formas alternativas de economia, tanto em áreas urbanas como em zonas rurais. Queremos uma economia popular e social comunitária que resguarde a vida das comunidades e que prevaleça a solidariedade acima do lucro. Para isso é necessário que os governos fortaleçam os esforços que emergem das bases sociais.

4. Melhorar nossos bairros e construir moradias dignas

Denunciamos a especulação e a mercantilização dos terrenos e bens urbanos. Rechaçamos os despejos forçados, o êxodo e o crescimento dos bairros marginalizados. Rechaçamos qualquer tipo de perseguição judicial contra aqueles que lutam por uma casa para sua família, porque entendemos a moradia como um direito humano básico, o qual deve ter caráter universal.

Exigimos políticas públicas participativas que garantam o direito à moradia, a integração urbana de bairros marginalizados e o acesso integral ao habitat para edificar casas com segurança e dignidade.

5. Defender a Terra e a soberania alimentar

Promovemos a reforma agrária integral para distribuir a terra de maneira justa e equitativa. Chamamos a atenção dos povos para o surgimento de novas formas de acumulação e especulação da terra e do território como mercadorias, vinculadas ao agronegócio, que promove a monocultura destruindo a biodiversidade, consumindo e contaminando a água, deslocando populações camponesas e utilizando agrotóxicos que contaminam os alimentos.

Reafirmamos nossa luta pela eliminação definitiva da

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 14 21/08/2015 18:34:13

fome, pela defesa da soberania alimentar e pela produção de alimentos saudáveis. Também rechaçamos enfaticamente a propriedade privada de sementes por grandes grupos agroindustriais, assim como a introdução de produtos trangênicos substituindo aos nativos, pois destroem a reprodução da vida e da biodiversidade, criam dependência alimentar e causam efeitos irreversíveis sobre a saúde humano e o meio ambiente. Nesse sentido, reafirmamos a defesa dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas em relação à agricultura sustentável.

6. Construir a paz e a cultura do encontro

Nos comprometemos, a partir da vocação pacífica de nossos povos a intensificar as ações coletivas que garantam a paz entre todas as pessoas, povos, religiões, etnias e culturas.

Reafirmamos a pluralidade de nossas identidades culturais e tradicionais que devem conviver harmoniosamente sem que umas se sobreponhas a outras. Nos levantamos contra a discriminação de nossa luta, pois estão criminalizando nossos costumes.

Condenamos qualquer tipo de agressão militar e nos mobiliamos pelo cessar imediato de todas as guerras e ações desestabilizadoras ou golpes de Estado, que atentam contra a democracia e a vontade dos povos livres. Rechaçamos o imperialismo e as novas formas de colonialismo, sejam militares, financeiras ou midiáticas. Nos pronunciamos contra a impunidade dos poderosos e a favor da liberdade dos lutadores sociais.

7. Combater a discriminação

Nos comprometemos a lutar contra qualquer forma de discriminação entre os seres humanos, seja por diferenças étnicas, cor de pele, gênero, origem, idade, religião ou orienta-

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 15 21/08/2015 18:34:14

ção sexual. Todas e todos, mulheres e homem, devemos ter os mesmos direitos. Condenamos o machismo, qualquer forma de violência contra a mulher, em particular os feminicídios, e gritamos: Nenhuma a menos!

8. Promover a liberdade de expressão

Promovemos o desenvolvimento de meios de comunicação alternativos, populares e comunitários, frente ao avanço dos monopólios midiáticos que ocultam a verdade. O acesso à informação e a liberdade de expressão são direitos dos povos e fundamento de qualquer sociedade que se pretenda democrática, livre e soberana.

O protesto é também um forma legítima de expressão popular. É um direito e aqueles que o exercem não devem ser perseguidos.

9. Colocar a ciência e a tecnologia a serviço dos povos

Nos comprometemos a lutar para que a ciência e o conhecimento sejam utilizados a serviço do bem-estar dos povos. Ciência e conhecimento são conquistas de toda a humanidade e não podem estar a serviço do lucro, exploração, manipulação ou acumulação de riquezas por parte de alguns grupos. Persuadimos a que as universidades se encham de povo e seus conhecimentos sejam orientados a resolver os problemas estruturais mais que a gerar riquezas para as grandes corporações. Deve-se denunciar e controlar as multinacionais farmacêuticas que, por um lado, lucram com a expropriação de conhecimentos milenares dos povos originários e, por outro, especulam e geram lucros com a saúde de milhões de pessoas, colocando o negócio na frente da vida.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 16 21/08/2015 18:34:14

10. Rechaçamos o consumismo e defendemos a solidariedade como projeto de vida

Defendemos a solidariedade como projeto de vida pessoal e coletivo. Nos comprometemos a lutar contra o individualismo, a ambição, a inveja e a ganância que se aninham em nossas sociedade e muitas vezes em nós mesmos. Trabalharemos incansavelmente para erradicar o consumismo e a cultura do desperdício.

Seguiremos trabalhando para construir pontes entre os povos, que nos permitam derrubar os muros da exclusão e da exploração!

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 17 21/08/2015 18:34:14

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 18 21/08/2015 18:34:18

II - Discurso do Papa aos Movimentos Populares

— Papa Francisco: discurso durante o II Encontro Mundial dos Movimentos Populares na Bolívia —

Versão integral do discurso do Papa Francisco aos Movimentos Populares reunidos na Bolívia:
Bolívia, Santa Cruz, 9 de Julho de 2015

Boa tarde a todos!

Há alguns meses, reunimo-nos em Roma e não esqueço aquele nosso primeiro encontro. Durante este tempo, trouxe-vos no meu coração e nas minhas orações. Alegra-me vê-vos de novo aqui, debatendo os melhores caminhos para superar as graves situações de injustiça que padecem os excluídos em todo o mundo. Obrigado Senhor Presidente Evo Morales, por sustentar tão decididamente este Encontro.

Então, em Roma, senti algo muito belo: fraternidade, paixão, entrega, sede de justiça. Hoje, em Santa Cruz de la Sierra, volto a sentir o mesmo. Obrigado! Soube também, pelo Pontifício Conselho "Justiça e Paz" presidido pelo Cardeal Turkson, que são muitos na Igreja aqueles que se sentem mais próximos dos movimentos populares. Muito me alegro por isso! Ver a Igreja com as portas abertas a todos vós, que se envolve, acompanha e consegue sistematizar em cada diocese, em cada comissão "Justiça e Paz", uma colaboração real, permanente e comprometida com os movimentos populares. Convido-vos a todos, bispos,

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 19 21/08/2015 18:34:19

sacerdotes e leigos, juntamente com as organizações sociais das periferias urbanas e rurais a aprofundar este encontro.

Deus permitiu que nos voltássemos a ver hoje. A Bíblia lembra-nos que Deus escuta o clamor do seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: terra, tecto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles. Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra.

1. Comecemos por reconhecer que precisamos duma mudança. Quero esclarecer, para que não haja mal-entendidos, que falo dos problemas comuns de todos os latino-americanos e, em geral, de toda a humanidade. Problemas, que têm uma matriz global e que actualmente nenhum Estado pode resolver por si mesmo. Feito este esclarecimento, proponho que nos coloquemos estas perguntas:

- Reconhecemos nós que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem tecto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade?
- Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando explodem tantas guerras sem sentido e a violência fratricida se apodera até dos nossos bairros? Reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão sob ameaça constante?

Então digamo-lo sem medo: Precisamos e queremos uma mudança.

Nas vossas cartas e nos nossos encontros, relataram-me as múltiplas exclusões e injustiças que sofrem em cada actividade laboral, em cada bairro, em cada território. São tantas e tão variadas como muitas e diferentes são as formas próprias de

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 20 21/08/2015 18:34:19

as enfrentar. Mas há um elo invisível que une cada uma destas exclusões: conseguimos nós reconhecê-lo? É que não se trata de questões isoladas. Pergunto-me se somos capazes de reconhecer que estas realidades destrutivas correspondem a um sistema que se tornou global. Reconhecemos nós que este sistema impôs a lógica do lucro a todo o custo, sem pensar na exclusão social nem na destruição da natureza?

Se é assim – insisto – digamo-lo sem medo: Queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos.... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco.

Queremos uma mudança nas nossas vidas, nos nossos bairros, no vilarejo, na nossa realidade mais próxima; mas uma mudança que toque também o mundo inteiro, porque hoje a interdependência global requer respostas globais para os problemas locais. A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença.

Hoje quero refletir convosco sobre a mudança que queremos e precisamos. Como sabem, recentemente escrevi sobre os problemas da mudança climática. Mas, desta vez, quero falar duma mudança noutro sentido. Uma mudança positiva, uma mudança que nos faça bem, uma mudança – poderíamos dizer – redentora. Porque é dela que precisamos. Sei que buscais uma mudança e não apenas vós: nos diferentes encontros, nas várias viagens, verifiquei que há uma expectativa, uma busca forte, um anseio de mudança em todos os povos do mundo. Mesmo dentro da minoria cada vez mais reduzida que pensa sair beneficiada deste sistema, reina a insatisfação e sobretudo

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 21 21/08/2015 18:34:19

a tristeza. Muitos esperam uma mudança que os liberte desta tristeza individualista que escraviza.

O tempo, irmãos e irmãs, o tempo parece exaurir-se; já não nos contentamos com lutar entre nós, mas chegamos até a assanhar-nos contra a nossa casa. Hoje, a comunidade científica aceita aquilo que os pobres já há muito denunciam: estão a produzir-se danos talvez irreversíveis no ecossistema. Está-se a castigar a terra, os povos e as pessoas de forma quase selvagem. E por trás de tanto sofrimento, tanta morte e destruição, sente-se o cheiro daquilo que Basílio de Cesareia chamava "o esterco do diabo": reina a ambição desenfreada de dinheiro. O serviço ao bem comum fica em segundo plano. Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez do dinheiro domina todo o sistema socioecónomico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, faz lutar povo contra povo e até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum.

Não quero alongar-me na descrição dos efeitos malignos desta ditadura subtil: vós conhecei-los! Mas também não basta assinalar as causas estruturais do drama social e ambiental contemporâneo. Sofremos de um certo excesso de diagnóstico, que às vezes nos leva a um pessimismo charlatão ou a rejubilar com o negativo. Ao ver a crónica negra de cada dia, pensamos que não haja nada que se possa fazer para além de cuidar de nós mesmos e do pequeno círculo da família e dos amigos.

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 22 21/08/2015 18:34:19

grandes corporações? Que posso fazer eu, a partir da minha comunidade, do meu barraco, da minha povoação, da minha favela, quando sou diariamente discriminado e marginalizado? Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os paradeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os meus problemas? Muito! Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos "3 T" (trabalho, tecto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem!

2. Vós sois semeadores de mudança. Aqui, na Bolívia, ouvi uma frase de que gosto muito: "processo de mudança". A mudança concebida, não como algo que um dia chegará porque se impôs esta ou aquela opção política ou porque se estabeleceu esta ou aquela estrutura social. Sabemos, amargamente, que uma mudança de estruturas, que não seja acompanhada por uma conversão sincera das atitudes e do coração, acaba a longo ou curto prazo por burocratizar-se, corromper-se e sucumbir. Por isso gosto tanto da imagem do processo, onde a paixão por semear, por regar serenamente o que outros verão florescer, substitui a ansiedade de ocupar todos os espaços de poder disponíveis e de ver resultados imediatos. Cada um de nós é apenas uma parte de um todo complexo e diversificado interagindo no tempo: povos que lutam por uma afirmação, por um destino, por viver com dignidade, por "viver bem".

Vós, a partir dos movimentos populares, assumis as tarefas comuns motivados pelo amor fraterno, que se rebela contra

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 23 21/08/2015 18:34:19

a injustiça social. Quando olhamos o rosto dos que sofrem, o rosto do camponês ameaçado, do trabalhador excluído, do indígena oprimido, da família sem tecto, do imigrante perseguido, do jovem desempregado, da criança explorada, da mãe que perdeu o seu filho num tiroteio porque o bairro foi tomado pelo narcotráfico, do pai que perdeu a sua filha porque foi sujeita à escravidão; quando recordamos estes "rostos e nomes" estremecem-nos as entranhas diante de tanto sofrimento e comovemo-nos…. Porque "vimos e ouvimos", não a fria estatística, mas as feridas da humanidade dolorida, as nossas feridas, a nossa carne. Isto é muito diferente da teorização abstracta ou da indignação elegante. Isto comove-nos, move-nos e procuramos o outro para nos movermos juntos. Esta emoção feita acção comunitária é incompreensível apenas com a razão: tem um plus de sentido que só os povos entendem e que confere a sua mística particular aos verdadeiros movimentos populares.

Vós viveis, cada dia, imersos na crueza da tormenta humana. Falastes-me das vossas causas, partilhastes comigo as vossas lutas. E agradeço-vos. Queridos irmãos, muitas vezes trabalhais no insignificante, no que aparece ao vosso alcance, na realidade injusta que vos foi imposta e a que não vos resignais opondo uma resistência activa ao sistema idólatra que exclui, degrada e mata. Vi-vos trabalhar incansavelmente pela terra e a agricultura camponesa, pelos vossos territórios e comunidades, pela dignificação da economia popular, pela integração urbana das vossas favelas e agrupamentos, pela auto-construção de moradias e o desenvolvimento das infra-estruturas do bairro e em muitas actividades comunitárias que tendem à reafirmação de algo tão elementar e inegavelmente necessário como o direito aos "3T": terra, tecto e trabalho.

Este apego ao bairro, à terra, ao território, à profissão, à

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 24 21/08/2015 18:34:19

corporação, este reconhecer-se no rosto do outro, esta proximidade no dia-a-dia, com as suas misérias e os seus heroísmos quotidianos, é o que permite realizar o mandamento do amor, não a partir de ideias ou conceitos, mas a partir do genuíno encontro entre pessoas, porque não se amam os conceitos nem as ideias; amam-se as pessoas. A entrega, a verdadeira entrega nasce do amor pelos homens e mulheres, crianças e idosos, vilarejos e comunidades... Rostos e nomes que enchem o coração. A partir destas sementes de esperança semeadas pacientemente nas periferias esquecidas do planeta, destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão, crescerão grandes árvores, surgirão bosques densos de esperança para oxigenar este mundo.

Vejo, com alegria, que trabalhais no que aparece ao vosso alcance, cuidando dos rebentos; mas, ao mesmo tempo, com uma perspectiva mais ampla, protegendo o arvoredo. Trabalhais numa perspectiva que não só aborda a realidade sectorial que cada um de vós representa e na qual felizmente está enraizada, mas procurais também resolver, na sua raiz, os problemas gerais de pobreza, desigualdade e exclusão.

Felicito-vos por isso. É imprescindível que, a par da reivindicação dos seus legítimos direitos, os povos e as suas organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva. Vós sois semeadores de mudança. Que Deus vos dê coragem, alegria, perseverança e paixão para continuar a semear. Podeis ter a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vamos ver os frutos. Peço aos dirigentes: sede criativos e nunca percais o apego às coisas próximas, porque o pai da mentira sabe usurpar palavras nobres, promover modas intelectuais e adoptar posições ideológicas, mas se construirdes sobre bases sólidas, sobre as necessidades reais e a experiência viva dos

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 25 21/08/2015 18:34:19

vossos irmãos, dos camponeses e indígenas, dos trabalhadores excluídos e famílias marginalizadas, de certeza não vos equivocareis.

A Igreja não pode nem deve ser alheia a este processo no anúncio do Evangelho. Muitos sacerdotes e agentes pastorais realizam uma tarefa imensa acompanhando e promovendo os excluídos em todo o mundo, ao lado de cooperativas, dando impulso a empreendimentos, construindo casas, trabalhando abnegadamente nas áreas da saúde, desporto e educação. Estou convencido de que a cooperação amistosa com os movimentos populares pode robustecer estes esforços e fortalecer os processos de mudança.

No coração, tenhamos sempre a Virgem Maria, uma jovem humilde duma pequena aldeia perdida na periferia dum grande império, uma mãe sem tecto que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Maria é sinal de esperança para os povos que sofrem dores de parto até que brote a justiça. Rezo à Virgem do Carmo, padroeira da Bolívia, para fazer com que este nosso Encontro seja fermento de mudança.

3. Por último, gostaria que reflectíssemos, juntos, sobre algumas tarefas importantes neste momento histórico, pois queremos uma mudança positiva em benefício de todos os nossos irmãos e irmãs. Disto estamos certos! Queremos uma mudança que se enriqueça com o trabalho conjunto de governos, movimentos populares e outras forças sociais. Sabemos isto também! Mas não é tão fácil definir o conteúdo da mudança, ou seja, o programa social que reflicta este projecto de fraternidade e justiça que esperamos. Neste sentido, não esperem uma receita deste Papa. Nem o Papa nem a Igreja têm o monopólio da interpreta-

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 26 21/08/2015 18:34:19

ção da realidade social e da proposta de soluções para os problemas contemporâneos. Atrever-me-ia a dizer que não existe uma receita. A história é construída pelas gerações que se vão sucedendo no horizonte de povos que avançam individuando o próprio caminho e respeitando os valores que Deus colocou no coração.

Gostaria, no entanto, de vos propor três grandes tarefas que requerem a decisiva contribuição do conjunto dos movimentos populares:

3.1 A primeira tarefa é pôr a economia ao serviço dos povos.

Os seres humanos e a natureza não devem estar ao serviço do dinheiro. Digamos NÃO a uma economia de exclusão e desigualdade, onde o dinheiro reina em vez de servir. Esta economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a Mãe Terra.

A economia não deveria ser um mecanismo de acumulação, mas a condigna administração da casa comum. Isto implica cuidar zelosamente da casa e distribuir adequadamente os bens entre todos. A sua finalidade não é unicamente garantir o alimento ou um "decoroso sustento". Não é sequer, embora fosse já um grande passo, garantir o acesso aos "3T" pelos quais combateis. Uma economia verdadeiramente comunitária – poder-se-ia dizer, uma economia de inspiração cristã – deve garantir aos povos dignidade, "prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos[2]". Isto envolve os "3T" mas também acesso à educação, à saúde, à inovação, às manifestações artísticas e culturais, à comunicação, ao desporto e à recreação. Uma economia justa deve criar as condições para que cada pessoa possa gozar duma

[2.] JOÃO XXIII, Carta enc. Mater et Magistra (15 de Maio de 1961), 3: AAS 53 (1961), 402.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 27 21/08/2015 18:34:20

infância sem privações, desenvolver os seus talentos durante a juventude, trabalhar com plenos direitos durante os anos de actividade e ter acesso a uma digna aposentação na velhice. É uma economia onde o ser humano, em harmonia com a natureza, estrutura todo o sistema de produção e distribuição de tal modo que as capacidades e necessidades de cada um encontrem um apoio adequado no ser social. Vós – e outros povos também – resumis este anseio duma maneira simples e bela: "viver bem".

Esta economia é não apenas desejável e necessária, mas também possível. Não é uma utopia, nem uma fantasia. É uma perspectiva extremamente realista. Podemos consegui-la. Os recursos disponíveis no mundo, fruto do trabalho intergeneracional dos povos e dos dons da criação, são mais que suficientes para o desenvolvimento integral de "todos os homens e do homem todo[3]". Mas o problema é outro. Existe um sistema com outros objectivos. Um sistema que, apesar de acelerar irresponsavelmente os ritmos da produção, apesar de implementar métodos na indústria e na agricultura que sacrificam a Mãe Terra na ara da «produtividade», continua a negar a milhares de milhões de irmãos os mais elementares direitos económicos, sociais e culturais. Este sistema atenta contra o projecto de Jesus.

A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera filantropia. É um dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: é um mandamento. Trata-se de devolver aos pobres e às pessoas o que lhes pertence. O destino universal dos bens não é um adorno retórico da doutrina social da Igreja. É uma realidade anterior à propriedade privada. A propriedade, sobretudo quando afecta os recursos

3. PAULO VI, Carta enc. Popolorum progressio, 14.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 28 21/08/2015 18:34:20

naturais, deve estar sempre em função das necessidades das pessoas. E estas necessidades não se limitam ao consumo. Não basta deixar cair algumas gotas, quando os pobres agitam este copo que, por si só, nunca derrama. Os planos de assistência que acodem a certas emergências deveriam ser pensados apenas como respostas transitórias. Nunca poderão substituir a verdadeira inclusão: a inclusão que dá o trabalho digno, livre, criativo, participativo e solidário.

Neste caminho, os movimentos populares têm um papel essencial, não apenas exigindo e reclamando, mas fundamentalmente criando. Vós sois poetas sociais: criadores de trabalho, construtores de casas, produtores de alimentos, sobretudo para os descartados pelo mercado global.

Conheci de perto várias experiências, onde os trabalhadores, unidos em cooperativas e outras formas de organização comunitária, conseguiram criar trabalho onde só havia sobras da economia idólatra. As empresas recuperadas, as feiras francas e as cooperativas de catadores de papelão são exemplos desta economia popular que surge da exclusão e que pouco a pouco, com esforço e paciência, adopta formas solidárias que a dignificam. Quão diferente é isto do facto de os descartados pelo mercado formal serem explorados como escravos!

Os governos que assumem como própria a tarefa de colocar a economia ao serviço das pessoas devem promover o fortalecimento, melhoria, coordenação e expansão destas formas de economia popular e produção comunitária. Isto implica melhorar os processos de trabalho, prover de adequadas infra-estruturas e garantir plenos direitos aos trabalhadores deste sector alternativo. Quando Estado e organizações sociais assumem, juntos, a missão dos “3T”, activam-se os princípios de

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 29 21/08/2015 18:34:20

solidariedade e subsidiariedade que permitem construir o bem comum numa democracia plena e participativa.

3.2 A segunda tarefa é unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça.

Os povos do mundo querem ser artífices do seu próprio destino. Querem caminhar em paz para a justiça. Não querem tutelas nem interferências, onde o mais forte subordina o mais fraco. Querem que a sua cultura, o seu idioma, os seus processos sociais e tradições religiosas sejam respeitados. Nenhum poder efectivamente constituído tem direito de privar os países pobres do pleno exercício da sua soberania e, quando o fazem, vemos novas formas de colonialismo que afectam seriamente as possibilidades de paz e justiça, porque "a paz funda-se não só no respeito pelos direitos do homem, mas também no respeito pelo direito dos povos, sobretudo o direito à independência[4]".

Os povos da América Latina alcançaram, com um parto doloroso, a sua independência política e, desde então, viveram já quase dois séculos duma história dramática e cheia de contradições procurando conquistar uma independência plena.

Nos últimos anos, depois de tantos mal-entendidos, muitos países latino-americanos viram crescer a fraternidade entre os seus povos. Os governos da região juntaram seus esforços para fazer respeitar a sua soberania, a de cada país e a da região como um todo que, de forma muito bela como faziam os nossos antepassados, chamam a "Pátria Grande". Peço-vos, irmãos e irmãs dos movimentos populares, que cuidem e façam crescer esta unidade. É necessário manter a unidade contra toda a tentativa de divisão, para que a região cresça em paz e justiça.

4. PONTIFÍCIO CONSELHO «JUSTIÇA E PAZ», Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 157.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 30 21/08/2015 18:34:20

Apesar destes avanços, ainda subsistem factores que atentam contra este desenvolvimento humano equitativo e coarctam a soberania dos países da "Pátria Grande" e doutras latitudes do Planeta. O novo colonialismo assume variadas fisionomias. Às vezes, é o poder anónimo do ídolo dinheiro: corporações, credores, alguns tratados denominados "de livre comércio» e a imposição de medidas de "austeridade" que sempre apertam o cinto dos trabalhadores e dos pobres. Os bispos latino-americanos denunciam-no muito claramente, no documento de Aparecida, quando afirmam que "as instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem ao ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando os Estados, que aparecem cada vez mais impotentes para levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações"[5]. Noutras ocasiões, sob o nobre disfarce da luta contra a corrupção, o narcotráfico ou o terrorismo – graves males dos nossos tempos que requerem uma acção internacional coordenada – vemos que se impõem aos Estados medidas que pouco têm a ver com a resolução de tais problemáticas e muitas vezes tornam as coisas piores.

Da mesma forma, a concentração monopolista dos meios de comunicação social que pretende impor padrões alienantes de consumo e certa uniformidade cultural é outra das formas que adopta o novo colonialismo. É o colonialismo ideológico. Como dizem os bispos da África, muitas vezes pretende-se converter os países pobres em "peças de um mecanismo, partes de uma engrenagem gigante[6]".

---

5. V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (2007), Documento de Aparecida, 66.

6. JOÃO PAULO II, Exort. ap. pós-sinodal Ecclesia in Africa (14 de Setembro de 1995), 52: AAS 88 (1996), 32-33. Cf. IDEM, Carta enc. Sollicitudo rei socialis (30 de Dezembro de 1987), 22: AAS 80 (1988), 539.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 31 21/08/2015 18:34:20

Temos de reconhecer que nenhum dos graves problemas da humanidade pode ser resolvido sem a interacção dos Estados e dos povos a nível internacional. Qualquer acto de envergadura realizado numa parte do Planeta repercute-se no todo em termos económicos, ecológicos, sociais e culturais. Até o crime e a violência se globalizaram. Por isso, nenhum governo pode actuar à margem duma responsabilidade comum. Se queremos realmente uma mudança positiva, temos de assumir humildemente a nossa interdependência. Mas interacção não é sinônimo de imposição, não é subordinação de uns em função dos interesses dos outros. O colonialismo, novo e velho, que reduz os países pobres a meros fornecedores de matérias-primas e mão de obra barata, gera violência, miséria, emigrações forçadas e todos os males que vêm juntos... precisamente porque, ao pôr a periferia em função do centro, nega-lhes o direito a um desenvolvimento integral. Isto é desigualdade, e a desigualdade gera violência que nenhum recurso policial, militar ou dos serviços secretos será capaz de deter.

Digamos NÃO às velhas e novas formas de colonialismo. Digamos SIM ao encontro entre povos e culturas. Bem-aventurados os que trabalham pela paz.

Aqui quero deter-me num tema importante. É que alguém poderá, com direito, dizer: "Quando o Papa fala de colonialismo, esquece-se de certas acções da Igreja". Com pesar, vo-lo digo: Cometeram-se muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus. Reconheceram-no os meus antecessores, afirmou-o o CELAM e quero reafirmá-lo eu também. Como São João Paulo II, peço que a Igreja "se ajoelhe diante de Deus e implore o perdão para os pecados passados e presentes dos seus filhos[7]". E eu quero dizer-vos, quero ser mui-

[7] JOÃO PAULO II, Bula Incarnationis mysterium, 11.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 32 21/08/2015 18:34:20

to claro, como foi São João Paulo II: Peço humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América.

Peço-vos também a todos, crentes e não crentes, que se recordem de tantos bispos, sacerdotes e leigos que pregaram e pregam a boa nova de Jesus com coragem e mansidão, respeito e em paz; que, na sua passagem por esta vida, deixaram impressionantes obras de promoção humana e de amor, pondo-se muitas vezes ao lado dos povos indígenas ou acompanhando os próprios movimentos populares mesmo até ao martírio. A Igreja, os seus filhos e filhas, fazem parte da identidade dos povos na América Latina. Identidade que alguns poderes, tanto aqui como noutros países, se empenham por apagar, talvez porque a nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro. Hoje vemos, com horror, como no Médio Oriente e noutros lugares do mundo se persegue, tortura, assassina a muitos irmãos nossos pela sua fé em Jesus. Isto também devemos denunciá-lo: dentro desta terceira guerra mundial em parcelas que vivemos, há uma espécie de genocídio em curso que deve cessar.

Aos irmãos e irmãs do movimento indígena latino-americano, deixem-me expressar a minha mais profunda estima e felicitá-los por procurarem a conjugação dos seus povos e culturas segundo uma forma de convivência, a que eu chamo poliédrica, onde as partes conservam a sua identidade construindo, juntas, uma pluralidade que não atenta contra a unidade, mas fortalece-a. A sua procura desta interculturalidade que conjuga a reafirmação dos direitos dos povos nativos com o respeito à integridade territorial dos Estados enriquece-nos e fortalece-nos a todos.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 33 21/08/2015 18:34:20

3.3 A terceira tarefa, e talvez a mais importante que devemos assumir hoje, é defender a Mãe Terra.

A casa comum de todos nós está a ser saqueada, devastada, vexada impunemente. A covardia em defendê-la é um pecado grave. Vemos, com crescente decepção, sucederem-se uma após outra cimeiras internacionais sem qualquer resultado importante. Existe um claro, definitivo e inadiável imperativo ético de actuar que não está a ser cumprido. Não se pode permitir que certos interesses – que são globais, mas não universais – se imponham, submetendo Estados e organismos internacionais, e continuem a destruir a criação. Os povos e os seus movimentos são chamados a clamar, mobilizar-se, exigir – pacífica mas tenazmente – a adopção urgente de medidas apropriadas. Peço-vos, em nome de Deus, que defendais a Mãe Terra. Sobre este assunto, expressei-me devidamente na carta encíclica Laudato si".

4. Para concluir, quero dizer-lhes novamente: O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco. Digamos juntos do fundo do coração: nenhuma família sem tecto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra. Rezo por vós, rezo convosco e quero pedir a nosso Pai Deus que vos acompanhe e abençoe, que vos cumule do seu amor e defenda no ca-

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 34 21/08/2015 18:34:20

minho concedendo-vos, em abundância, aquela força que nos mantém de pé: esta força é a esperança, a esperança que não decepciona. Obrigado! E peço-vos, por favor, que rezeis por mim.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 35 21/08/2015 18:34:20

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 36 21/08/2015 18:34:25

III - Palestra do Cardeal Peter Turkson, no Encontro Mundial de Movimentos Populares

Sua Excelência Senhor Presidente, Sua Excelência irmãos meus Bispos e Padres, estimadas autoridades, estimados companheiros e companheiras das organizações populares, amigos todos:

Obrigado por terem aceitado o convite, sabemos que foi um sacrifício vir até aqui.

E obrigado também pela recepção calorosa de boas vindas e ao mesmo tempo dizemos a vocês todos, em nome da Igreja, que sejam "Bem-vindos" a este segundo Encontro Mundial de Movimentos Populares. Queria compartilhar com vocês alguns pensamentos e reflexões que, esperamos, possam nos ajudar nos intercâmbios desses dias.

1. O mundo precisa avançar em um processo de mudança, em defesa da Terra e da dignidade das pessoas. Essa tarefa não é exclusiva dos líderes religiosos, dos cientistas, dos políticos e dos empresários, mas sim de toda a humanidade. O grito, a reclamação, o protesto e a pressão dos pobres são de vital importância para que os poderosos do mundo entendam que não podem continuar assim. A Igreja quer escutar esse grito e se somar a ele.

2. Os pobres têm se organizado para resistir à exclusão social, à escandalosa desigualdade e degradação de seu meio ambiente. Assim, criaram movimentos não só para protestar contra a

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 37 21/08/2015 18:34:25

injustiça, mas também para resolver com suas próprias mãos os problemas de acesso ao Teto, à Terra e ao Trabalho, que nem os Estados, nem o mercado resolvem. Apesar da precariedade, são semeadores da terra, construtores de moradias e criadores de trabalho. A Igreja quer unir suas mãos nesses processos e ajudá-los para que cada dia sua cooperativas sociais, juntas de vizinhos, comunidades camponesas e indígenas se fortaleçam, para que possam dar mais e melhores condições para o desenvolvimento integral dos excluídos, como pessoas, famílias e povos.

3. A política não é tarefa exclusiva de políticos profissionais (politicians), nem a economia de empresários profissionais (businessmen); tampouco não o é a ecologia dos acadêmicos e ativistas. Os pobres, os camponeses, os povos indígenas têm suas próprias formas de fazer política (organização comunitária), desenvolver a economia (economia popular) e cuidar do meio ambiente (ecologia popular). São formas distintas da hegemônica e às vezes não são compreendidas com os parâmetros da racionalidade ocidental. Devem ser respeitadas e institucionalizadas. A Igreja reconhece, valoriza e promove essas expressões populares.

4. Os movimentos populares, de modo geral, propõem um estilo de vida alternativo ao que o sistema propõe. Rechaçam o consumismo, o desperdício e o paradigma tecnocrático. Buscam formas comunitárias de organização do trabalho, da terra e da moradia. Não querem explorar nem ser explorados, excluir nem ser excluídos. Reivindicam a solidariedade e a unidade como valores importantíssimos. A Igreja também

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 38 21/08/2015 18:34:25

quer promover junto a vocês novos estilos que sobreponham a dignidade das pessoas ao consumo desenfreado.

5. Os movimentos populares rechaçam todas as formas de colonialismo e o saqueio dos chamados recursos naturais, ainda mais quando se dá às custas do meio ambiente. Não querem que se privatize a água, nem o solo, nem o mar. Não querem que as corporações transnacionais abusem da terra, praticando, por exemplo, a megamineração poluidora, nem a extração de petróleo por fraturamento hidráulico (fracking); nem que usem os transgênicos para espremer o camponês ou concentrar as terras nas mãos de poucos, nem que se destrua a pesca artesanal roubando industrialmente a riqueza ictícola. Querem reafirmar o destino universal dos bens, começando com os que vêm da criação. A Igreja os acompanha na preocupação e nas suas lutas pelos dons da criação.

6. Os movimentos populares querem a paz. Não querem que seus filhos adoeçam com drogas, nem que suas filhas sejam submetidas ao tráfico de pessoas. Não querem ver seus jovens morrerem na violência do crime. Não querem seus bairros contaminados por delitos ambientais. Para isso, comprovaram que a polícia ou os Estados não são suficientes. Aprenderam a fortalecer as defesas de seus direitos através da organização comunitária. A Igreja quer fortalecer também as redes comunitárias para enfrentar o narcotráfico e o crime organizado.
Frente aos desafios que a globalização e a indiferença nos apresentam, o Evangelii Gaudium convoca tanto a igreja como o mundo inteiro para escutarem o clamor por justiça e responderem a essa chamado com todas as nossas forças (ver EG n

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 39 21/08/2015 18:34:25

188). E no Laudato, sim, reconhece o grito dos pobre e da terra:

> "(...) Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas sim uma só e complexa crise socioambiental. As linhas para a solução requerem uma aproximação integral para combater a pobreza, para devolver dignidade aos excluídos e simultaneamente para cuidar da natureza."
> (LS n 139)

Ambos, tanto como Igreja, como sociedade, devemos aprender a incluir os excluídos. Isso significa chegar até aqueles que se encontrem na periferia e assim receber os marginalizados como membros absolutos de nossas comunidades, economias e sociedades.

Este segundo Encontro Mundial de Movimentos Populares promete ser um grande diálogo que perpetuará no tempo a comunicação, a cooperação e a coordenação entre os mesmos movimentos de base e entres estes e a Igreja, em todos os seus níveis.

Obrigado!

Cardeal Peter K. A. Turkson
Presidente, Pontifício Conselho Justiça e Paz
Santa Cruz de la Sierra, 7.07.2015

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 40 21/08/2015 18:34:25

IV - Um balanço do Encontro com Dom Guilherme Werlang, das Pastorais Sociais da CNBB

"Papa Francisco é um divisor de águas"
Dom Guilherme fala sobre a Igreja, os pobres e a política
Joana Tavares - do Brasil de Fato Minas Gerais

O bispo Dom Guilherme Werlang, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) esteve na Bolívia onde participou do II Encontro Mundial de Movimentos Populares com o Papa. Durante o encontro, concedeu entrevista ao Brasil de Fato em que fala do momento político no país, da situação da Igreja Católica no Brasil e das repercussões do Papa Francisco no mundo.

Brasil de Fato - Qual a importância de um Papa participar e chamar um encontro de movimentos populares do mundo?

Dom Guilherme Werlang - É como um divisor de águas. Porque até então o Papa falava para o mundo. Agora o Papa quer ouvir o mundo. Os Papas falavam para os pobres. O Papa Francisco chama os movimentos para ouvir os pobres, para ouvir os excluídos. Então só esse fato já marca uma nova postura da Igreja diante da situação calamitosa que a humanidade e o planeta Terra estão passando.

Esse encontro pode ter reflexos junto à Igreja no Brasil?

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 41 21/08/2015 18:34:25

A Igreja no Brasil vem caminhando junto aos movimentos populares, inclusive uma grande parte desses movimentos nasceram da Igreja, das pastorais. Com certeza esses encontros refletem na ação dos movimentos, na ação das pastorais. Grande parte daqueles que militam nos movimentos populares são também membros da Igreja, das Comunidades Eclesiais de Base, das pastorais. Então as reflexões que aqui acontecem, as decisões que aqui se passam, repercutem em nossa base da Igreja no Brasil.

A CNBB tem se posicionado de forma progressista inclusive em temas polêmicos, como a maioridade penal, a reforma política. E ao mesmo tempo há um movimento conservador puxado por pessoas ligadas inclusive à Igreja. A que o senhor atribui esse possível descompasso?

Isso é normal. Eu não gostaria que permanecesse assim, mas sempre existiu e sempre existirá nas organizações sociais – e a Igreja não deixa de ser uma – pontos de vista divergentes. Pessoas que veem o mundo, a organização social e eclesial de uma forma diferente. Existem bispos, padres, a Igreja enquanto CNBB, profundamente comprometidos com a luta popular, com a libertação, com a opção preferencial pelos pobres. Mas dentro dela, em toda sua estrutura – leigos, religiosos, bispos – também temos quem vê o mundo de outra forma, quem vê a missão da Igreja de forma diferente. Eu pessoalmente penso que quem lê com honestidade o Evangelho não temo como negar a opção clara de Jesus Cristo. Quem lê, estuda ou reza a partir da Bíblia vê Deus, desde o Antigo Testamento, sempre fazendo uma opção muito clara pelos pobres, pelos doentes, pelos excluídos. A forma de expressar essa leitura diverge. Eu prefiro caminhar comprometido e junto. Nós não devemos apenas falar para os pobres, devemos estar com os pobres, no meio deles, sem ja-

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 42 21/08/2015 18:34:25

mais tirar o protagonismo deles. Nós devemos ser apoio, estar próximos, ser solidários, mas não precisamos ensinar aos pobres o que devem fazer. Eles sentem todo dia, eles têm as maiores luzes e indicações do que é preciso fazer para construir um país justo, uma humanidade solidária.

O senhor acha que estamos vivendo um momento mais conservador que outros? O senhor acha que corremos risco de um golpe na nossa vida democrática?

Eu não gostaria. Eu penso que existem interesses, especialmente político-econômicos, por trás dessa mobilização não só para tirar a Dilma do poder. A questão está em um poder neoliberal conservador, entreguista, que quer voltar a entregar o Brasil para as grandes potências mundiais. Não santifico a Dilma, não santifico o PT, existem muitas falhas. Mas não dá pra negar os avanços que houve. Evidentemente a corrupção é um grande mal, é uma grande chaga. Mas ela não começou agora. Infelizmente. Esse governo acabou entrando num rol daquilo que já existia. É preciso ter uma profunda reforma política, uma profunda reforma cultural.

Há possibilidade de realização de um encontro de movimentos populares com a Igreja no Brasil?

Já está sendo construído. Aqueles que foram representar o Brasil no 1º Encontro já se reuniram. Já houve reunião da CNBB com os movimentos populares, e provavelmente em 2016, em fevereiro, será realizado um encontro de movimentos no Brasil. E deverá ser em Belo Horizonte.

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 43 21/08/2015 18:34:25

Alba - Cartilha II Encontro Mov Sociais Papa 21ago15.indd 44 21/08/2015 18:34:28